

# “Por quem cantam os sabiás”

**Celso Veras**

“Há uma bala voando  
contra cada um de nós,  
nosso coração e voz,  
o amanhecer que há em nós  
o futuro que há em nós  
o humano ser que há em nós,  
há uma bala voando  
que é preciso aprisionar  
que é preciso conter,  
de aço em pedra converter  
e em areia desfazer  
para poder afogar  
no mar de amar  
mar amar  
há uma bala voando  
até quando? até quando?  
até quando?

(Luto luta — **Bandeira Tribuzzi**)

Quero falar do homem morto e do morto ressuscitado: Bandeira Tribuzi.

É a dialética que explica Tribuzi, sua intelectualidade engajada, sua poesia comprometida, sua técnica a serviço do Homem Nele, o técnico não era tecnocrata, o intelectual não era exótico, o poeta não era visionário. E só a dialética podia caldear esta multiplicidade de talentos e dar-lhe não a esperança utópica, mas a certeza de que os homens farão o seu tempo e a sua história. A sua crença no homem era, portanto, uma crença científica de que o futuro é irreversível, ainda que para ocorrer as torne necessário palmilhar caminhos difíceis, onde homens sejam perseguidos, injustiçados e mortos. O futuro é feito de sangue, suor e crença.

Muitos cobravam-lhe o porquê de certas alianças, ou, por desconhecê-lo em sua profundidade e coerência ou simplesmente por não

entenderem a “unidade dos opostos”. O seu senso de oportunidade, nunca confundir com oportunismo, permitia ver com clareza política, onde buscar alianças, onde buscar formas viáveis de ser o operário, “a útil pedra da imensa catedral dos homens”.

Tribuzi era a simbiose do sentido de justiça do negro Damião dos Tambores de São Luís, da Rebelião nata dos moleques do Poema Sujo de Gullar, dos seus folclóricos personagens do Norte das Águas, da ironia das crônicas de Chagas, das angústias dos poemas do Nauro Machado. Enfim, era a São Luís retratada em sua boemia e sofrência.

À nossa geração, filha do som, da televisão, dos carros, do ornamental, do “Dream is Over”, filhos enfim da alienação, Tribuzi deixou um inventário de vivência, da importância do ser e não ter, do compromisso político. E como ele disse nas festas do cinquentário “permiti que se fizesse esta homenagem não para mim, mas para mostrar aos jovens que ainda vale a pena ser poeta”. Num momento em que a superficialidade, a corrida do ouro são tão festejadas, homenagear um homem que tem como herança filhos e sonetos é um fato significativo.

Tribuzi foi homem comprometido política e ideologicamente com o seu povo, com suas agruras. Sim, foi assim que viveu e dentro de uma dimensão tão ampla e profunda, que a semântica não tem como transmitir o real sentido do que significa política e ideologia. Ele vivia um materialismo similar àquele que Jorge Amado, em entrevista a VEJA, dizia ser: “O meu materialismo me limita”. Só

a nobreza do seu espírito podia permitir o doar sistemático de sua vida. Assim é que o jornal lhe levava o sono, futebol lhe tirava a razão, a amizade por Sarney lhe arrancava as entranhas, o problema fundiário desafiava a sua inteligência de técnico e cidadão e, às lutas políticas ele incorporava toda essência do seu ser. À causa da liberdade e de democracia ele colocou o palpitar do seu coração, o fervilhar de sua inteligência o fluxo do seu sangue, enfim cabeça, corpo e membros, sobretudo, sua alma.

As casuarinas, que o verbo de lágrimas e a sensibilidade do poeta ouviram no dia 8, já não choram mais. Agora ouve-se o cantar dos sabiás a dar harmonia ao grande coral do Maranhão no entoar das aleluias pela conquista de sua liberdade, pelo alvorecer da justiça, pela libertação de todos os marginalizados, dos sem terra, dessa imensa legião de subempregados que ornaram com o colar de miséria e fome a Ilha de São Luís.

Tribuzi — a terra prometida, nascerá semeada pelo teu próprio corpo, numa extensão dialética de tua existência, enfaixando a grande síntese do eterno vir-a ser.

## Observações

Este Artigo foi escrito há 15 anos quando da morte de Tribuzi. O texto reflete uma época de lutas libertárias. Hoje o tempo, que é remédio para todos males, destruiu certezas e esperanças. A releitura é como diz Drummond Andrade “é apenas um retrato na parede, e como dói”.

Celso Veras, economista, é assessor especial do Prefeito Jackson Lago